



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ –
IFAP
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**KEILA CRISTINA MEDRADO DE ASSUNÇÃO
ROSANA MAGALHÃES DA SILVA**

**CONTOS DE FADAS: UM INSTRUMENTO DE INCENTIVO À LEITURA COM
ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

PEDRA BRANCA DO AMAPARI– AP

2022

**KEILA CRISTINA MEDRADO DE ASSUNÇÃO
ROSANA MAGALHÃES DA SILVA**

**CONTOS DE FADAS: UM INSTRUMENTO DE INCENTIVO À LEITURA COM
ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia – EAD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP, Centro de Referência de Pedra Branca do Amapari, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador Prof. Dr. Mauro Sérgio Soares Rabelo

PEDRA BRANCA DO AMAPARI– AP

2022

**CONTOS DE FADAS: UM INSTRUMENTO DE INCENTIVO À LEITURA COM
ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

**KEILA CRISTINA MEDRADO DE ASSUNÇÃO
ROSANA MAGALHÃES DA SILVA**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciado em Pedagogia pela
Banca Examinadora formada por:

Prof. Dr. Mauro Sérgio Soares Rabelo
Presidente da Banca

Prof. Esp. Clebson dos Santos Simplício
Membro Parecerista

Prof. Esp. Antônio Rodrigues do Nascimento Filho
Membro Parecerista

Pedra Branca do Amapari - AP, ____ de _____ 2022

Este trabalho é dedicado a todos os colaboradores, familiares e especialmente aos professores que trazem consigo o grande desejo de concretizar uma aprendizagem mais afetuosa em um mundo tão hostil e competitivo. À Maria Adalgiza Magalhães, minha alfabetizadora das letras e do amor: minha avó materna. À Maria do Socorro Magalhães da Silva, minha, hoje falecida mãe que tanto se orgulhou por cada conquista minha e certamente se orgulhará muito mais pelo que está por vir.

Ao incansável e dedicado mestre, o Prof. Dr. Mauro Sérgio Soares Rabelo, que usando de sua simplicidade na arte de ensinar, porém com uma exigência ímpar para que se realizasse este trabalho, certamente terá assegurado em muitas memórias, especiais lembranças de grandes momentos de aprendizagem e ensinamento acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus nosso criador e capacitador; aos nossos familiares que sempre nos apoiaram e presenciaram nossas angústias nos momentos de aprendizado e nossas alegrias quando se concluía cada etapa deste trabalho. Aos amigos que dispensaram uma atenção especial sempre que necessário, compreendendo nosso tempo escasso para encontros furtivos e deleitáveis. Aos filhos que ficaram sem entender muito bem o porquê de tanta ausência, pois os momentos dedicados aos estudos não foram poucos e a carência afetiva se manifestou em vários momentos ao longo da caminhada acadêmica. Às pessoas que nos acolheram na escola campo de pesquisa, ao Diretor Elque Souza, à secretária escolar, professora Iracema Valadares, à professora da turma, Juliana Lima. Aos pais dos alunos que fizeram este projeto acontecer.

Ler não se faz só com os olhos e o cérebro; mas por meio dos ouvidos, do corpo, do olfato, da imaginação e do afeto.
Glória Radino (2003)

RESUMO

Este trabalho traz uma reflexão sobre os contos de fadas sendo utilizados como instrumentos de incentivo à leitura, com crianças de sete anos de idade. Uma vez que a utilização de histórias fantásticas são naturalmente um incentivo à construção de sentido para a criança, vê-se como um instrumento cada vez mais utilizado nas salas de aula, porém sem objetivos de construção de conhecimento, geralmente como um meio de entreter o público infantil e nada mais. Com base em estudos de autores como Bettelheim (2007), Gutfreind (2003), Ariès (1981) dentre outros, buscou-se trazer um novo olhar acerca dos contos de fadas tradicionalmente trabalhados nas escolas de ensino fundamental. O estudo traz como hipótese o uso dos contos de fadas como instrumentos de incentivo à leitura e o desenvolvimento de outras habilidades. Assim o trabalho se desenvolve fazendo um apanhado histórico da evolução dos contos de fadas em relação à infância e suas diferentes funções pedagógicas, perpassando ainda pelo surgimento da Literatura Infantil no Brasil com Monteiro Lobato.

Palavras – chave: Leitura. Conto. fadas.

ABSTRACT

This work brings a reflection on fairy tales being used as instruments to encourage reading, with seven-year-old children. Since the use of fantastic stories is naturally an incentive to the construction of meaning for the child, it is seen as an instrument increasingly used in classrooms, but without knowledge construction purposes, generally as a means of entertaining the children's audience and nothing else. Based on studies by authors such as Bettelheim (2007), Gutfreind (2003), Ariès (1981), among others, we sought to bring a new look at the fairy tales traditionally worked on in elementary schools. The study hypothesizes the use of fairy tales as instruments to encourage reading and the development of other skills. Thus, the work is developed by making a historical overview of the evolution of fairy tales in relation to childhood and their different pedagogical functions, also passing through the emergence of Children's Literature in Brazil with Monteiro Lobato.

Key words: reading. fairy tale. imagination.

LISTA DE FIGURA

Figura 1- Escola campo de pesquisa: E.M.E.F. Josefa Nery da Costa.....	28
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Você gosta de ouvir histórias?	31
Gráfico 2 - Seus pais ou responsáveis contam histórias para você?.....	31
Gráfico 3 - Você gosta de ouvir histórias antes de dormir?	31
Gráfico 4 - Você gosta de ouvir histórias na escola?	32
Gráfico 5- Você gosta do final que geralmente aparece nos contos de fadas?.....	32
Gráfico 6 - Você acredita que sua vida pode ser parecida com algum conto de fadas?.....	33
Gráfico 7- Você se acha parecido(a) com algum personagem de conto de fadas?	33
Gráfico 8 - Você ouviu histórias de contos de fadas na infância?.....	34
Gráfico 9 - Seus pais contavam histórias para você quando criança?	35
Gráfico 10 - Você conta histórias para seus filhos?	35
Gráfico 11 - Você já contou histórias para seu filho, antes de dormir?	36
Gráfico 12 - Você concorda com os finais dos contos de fadas?	36
Gráfico 13 - Em algum momento, você já viveu como em um conto de fadas?.....	37
Gráfico 14 - Existe algum conto de fadas do qual você mais gosta?	37

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1- Carta de Apresentação de pesquisadora na Escola Josefa Nery da Costa.....	42
Anexo 2- Questionário para os alunos.....	43
Anexo 3- Questionário para os pais dos alunos.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 BREVE HISTÓRICO ACERCA DOS CONTOS DE FADAS	14
3 OS CONTOS DE FADAS COMO INSTRUMENTOS DE INCENTIVO À LEITURA	18
4 AS NARRATIVAS NA VIDA DA CRIANÇA	22
5 UM POUCO DOS CONTOS BRASILEIROS	24
5.1 MONTEIRO LOBATO, O PRECURSOR DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA	24
6 AÇÃO PRÁTICA DOS CONTOS NA SALA DE AULA	26
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	42

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve por finalidade descrever os contos de fadas como instrumentos que auxiliam no desenvolvimento da leitura de crianças com sete anos de idade, mediados por aspectos que vão além do contato físico tradicional, tidos na formação de leitores. O estudo foi realizado na Escola Municipal Josefa Nery da Costa, na comunidade de Água-Fria, município de Pedra Branca do Amapari, estado do Amapá.

Como metodologias foram adotadas as pesquisas bibliográficas e de campo com aplicação de questionários fechados para alunos e seus responsáveis, trazendo consigo uma abordagem quantitativa.

Como muitas pessoas mantêm o hábito de contar histórias para os mais jovens, incluindo as crianças, pensou-se em trabalhar os contos de fadas com crianças de sete anos de idade sob uma perspectiva focada para a apreensão da leitura não apenas de forma mecânica, mas como um instrumento capaz de potencializar essa ação a partir de aspectos construtores como a compreensão, interpretação e imaginação. Como compreensão, entende-se com a definição de “perceber o significado de algo ou entendimento” sobre alguma coisa; já para interpretação, tem-se a ideia de sentido daquilo que se ouve ou vê, podendo posteriormente haver a formulação de um novo pensamento ou reflexão; agora quando se fala de imaginação, volta-se para a capacidade de criar ou representar, por meio de imagens, ideias ou pensamentos.

Neste sentido, optou-se em buscar junto aos contos de fadas, aspectos que poderiam ser úteis como instrumentos de incentivo à leitura para alunos de uma turma de 2º ano do ensino fundamental, anos iniciais, e descrever ações que podem auxiliar professores, dentro da sala de aula.

O trabalho está dividido em 05 (cinco) capítulos distintos. No primeiro capítulo é feito um breve panorama sobre a origem dos contos de fadas, baseado em estudos bibliográficos, com o intuito de oferecer uma visão mais ampla de como os contos de fadas sofreram mudanças ao longo do tempo para que então viesse atender ao público infantil nos dias atuais. Posteriormente, no segundo capítulo, se apresenta a reflexão sobre leitura sendo mediada pelos contos de fadas e como o aluno de sete anos de idade busca nessas narrativas uma válvula de escape para si, diante dos problemas da vida que o circundam. A seguir, já no terceiro capítulo, é feita uma abordagem de como as narrativas, de maneira geral, são importantes para o desenvolvimento infantil se voltando para o emocional, destacando a afetividade como propulsor e incentivador da leitura. No quarto capítulo, faz-se um breve relato sobre um dos

escritores brasileiros tidos como precursor da literatura infantil no país, Monteiro Lobato, enfatizando sua contribuição para a formação de leitores de gerações, utilizando um misto de sabedoria e cultura popular. No quinto capítulo, apresentam-se sugestões de atividades aplicáveis dentro da sala de aula com foco para a construção da leitura, partindo dos contos de fadas. A partir de então se parte para a descrição dos procedimentos metodológicos adotados para a realização do trabalho e em seguida a análise e discussão dos dados coletados no trabalho, mais precisamente na pesquisa com o questionário dos alunos e pais dos alunos.

A linha de pesquisa adotada neste trabalho está voltada para o uso dos contos de fadas como instrumentos de leitura, utilizando-se de meios literários como fonte de apropriação de saberes, onde por intermédio da escola e família, tem demonstrado ser um recurso de grande auxílio aos estudantes. Assim o ato de ser instruído por meio de contos de fadas ou contos fantásticos, pode fornecer à criança, o acesso às informações, à ampliação do vocabulário, ao desenvolvimento da criticidade e o interesse na busca de conhecimento sobre assuntos variados que além de instigar aquele que ouve, possibilita o questionamento acerca daquilo que o incomoda, podendo ainda impulsionar suas relações sociais e interpessoais, permitindo uma atuação mais participativa em seu contexto social.

No ato da contação de histórias, há intencionalmente um momento mágico, senão enquanto ato de descoberta de um novo universo. Verificou-se que a narrativa vem fazendo parte da vida de uma criança ainda bem pequena e ao longo do seu desenvolvimento vai se moldando aos seus fenômenos naturais de percepção humana. À medida que vai crescendo e amadurecendo, a criança se torna capaz de selecionar o que quer ouvir, ou a parte com a qual mais se identifica para que assim encontre sentido ao que foi lido ou ouvido.

A criança passa a interagir com as narrativas, adicionando detalhes, personagens e até mesmo fazendo modificações no ambiente de acordo com suas próprias convicções, sinalizando características pessoais que facilitam seu entendimento daquilo que originariamente foi escrito para um público diferenciado. Sobre esses sinais, Martins expõe o seguinte:

Isso porque se trata, antes de mais nada, de uma experiência individual, cujos limites não estão demarcados pelo tempo em que nos detemos nos sinais ou pelo espaço ocupado por eles. Acentue-se que, por sinais, entende-se aqui qualquer tipo de expressão formal ou simbólica, configurada pelas mais diversas linguagens. (MARTINS,2004, p.32).

A expressividade da criança está intrinsecamente ligada ao suporte linguístico que essa criança possui, onde a busca por autoafirmação no mundo agitado e complexo se faz necessário, ainda que por meio simbólico, ou adentrando nas narrativas fantásticas dos contos de fadas e

seus acontecimentos. Tudo é importante e possível de ser adaptado para o desenvolvimento da criança.

2 BREVE HISTÓRICO ACERCA DOS CONTOS DE FADAS

Foi a partir das fábulas que se originaram os contos de fadas. Foi com o intuito moralístico das fábulas, acerca das vivências humanas, que posteriormente deram origem às histórias fantásticas denominadas conto de fadas. A oralidade era o principal meio de transmitir histórias e ensinamentos desde a época mais remota do homem como ser pensante, tendo a capacidade de justificar fenômenos através de mitos e seres alegóricos que habitavam sua imaginação. Tem-se por conhecido que os primeiros registros de contos e fábulas estariam nos manuscritos em galês medieval, denominados *Mabinogion*, que narram acontecimentos do século VII, sobre o povo celta, suas conquistas territoriais e suas relações sociais. Estes escritos tinham em sua composição a descrição lendária de como os celtas eram organizados social e politicamente, usando figuras mágicas que tinham poderes sobrenaturais para atuar em meio aos homens, permitindo que a mitologia celta seja uma das mais abrangentes da história.

Na idade medieval, não existia a definição de infância e nem havia cuidados com temas (considerados hoje como proibidos para crianças), tratados de forma natural nas rodas de conversa em um período, cujo contexto histórico-social era bem diferente do que se conhece atualmente. Sobre esse tempo, Azevedo contribui dizendo que:

A visão que temos hoje do que seja criança é ligada, naturalmente, ao nosso contexto histórico, social, científico (epistemológico) e cultural. Estamos habituados a conviver, pelo menos em certas classes sociais, com uma infância apartada da vida adulta (do trabalho, da sexualidade, da política etc), habitando um universo delimitado por assuntos escolares, certo vocabulário, certas brincadeiras e certos assuntos. Em outras épocas, existiram outras crianças, tratadas de outras formas, ocupando outros espaços dentro da família e da sociedade. No período medieval, como vimos, crianças e adultos trabalhavam duro. À noite, sentavam-se lado a lado e juntos deliciavam-se com as mesmas histórias, participavam das mesmas festas e, pelo menos em tese, estavam sintonizados com as mesmas inquietações. (AZEVEDO, 2001, p.06)

Muito tempo se passou até que os contos pudessem ser adaptados para as crianças, como hoje os conhecemos. Contudo, as mensagens contidas nestes contos de fadas, agora ganham uma nova identidade e tendem a se voltar para as necessidades sociais e de autoafirmação. Sobre esse propósito, Bettelheim enfatiza dizendo que:

Os contos de fadas, diferentemente de qualquer outra forma de literatura, direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas dão a entender que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas arriscadas sem as quais nunca se adquire a verdadeira identidade. (BETTELHEIM, 2007, p.34).

Os contos de fadas ganham a função de apresentar à criança o mundo e suas adversidades, tornando-a um ser em preparação para uma nova fase da vida, adquirindo a construção do caráter em meio à resistência daquilo que é mau; havendo sempre a disputa entre o que é bom e o que não é como prática para a futura vida adulta.

Os contos de fadas, só vieram ter esse título no século XVII, com Charles Perrault, ‘o pai da literatura infantil’, pois antes de se conhecer o conto pertencente ao gênero maravilhoso, existiam as histórias de cunho disciplinar ou com fundo moralístico destinado ao público adulto e afins. Nas palavras de Klein (2017, p.13), ainda sobre a origem dos contos, relata que as histórias “...eram repletas de mortes, cenas de adultério, incesto, canibalismo, mortes hediondas e todos os conteúdos do imaginário adulto”; cabe aqui uma reflexão de que não se pode fechar os olhos para a falta clara de cuidados com o que era transmitidos às crianças em uma época onde eram consideradas miniadultos. As crianças frequentavam os mesmos lugares que os adultos e viviam da mesma maneira que os adultos, sem que houvesse distinção ou cuidados especiais, pois não se tinha a visão de fragilidade emocional e psíquica de uma criança.

Porém os contos de fadas, já considerados como acervo da literatura infantil, somente a partir do século XVIII, emergiram das histórias ouvidas pela população francesa e foram ganhando personagens fantásticos para que fossem atrativos para as crianças. Neste sentido, a presença dos seres fantásticos começou a ganhar vigor, principalmente a imagem das “fadas”, os seres mágicos que possibilitam a realização do que parece impossível. Sobre esse personagem fantástico, Coelho complementa:

Comprova-se que as fadas tiveram origem comum em função do próprio termo que as designa: “fada”. Sua primeira menção documentada em textos novelescos foi em língua latina: *fata* (oráculo, predição), derivada de *fatum* (destino, fatalidade). Nas línguas modernas: *fada* (português); *fata* (italiano); *fée* (francês); *fairy* (inglês); *feen* (alemão) e *hada* (espanhol). (COELHO, 2009, p.78)

A representatividade das fadas na vida do ser humano viria como um ser iluminado, configurando-se de maneira feminina, dócil e gentil, pronta para socorrer quem precisasse e quando fosse necessário. Merece destaque aqui a figura feminina e com poderes mágicos, já se fazia presente nos antigos manuscritos Mabinogion. A ideia de espiritualidade e assuntos místicos e míticos, eram os principais focos dentro das narrativas da época, como bem destacado nas palavras de Coelho ao afirmar que:

Não há dúvida que, em sua origem, as fadas estavam ligadas a cultos ou ritos religiosos. Em grande número de contos irlandeses (de origem celta), a heroína (sempre um ser sobrenatural) aparece como mensageira de Outro Mundo ou surge sob

forma de um pássaro (em geral, cisne), que está ligado ao mistério da morte. (COELHO, 2009, p.79).

Uma outra característica dos contos de fadas é a representação das classes sociais bem distintas e descritas, representadas pelos príncipes e princesas, plebeus ou aldeões, palácios, aldeias, servos e reis. São figuras sempre presentes nos cenários dos contos trazendo então maior familiaridade entre o real e o imaginário, pois assim a criança faz relação com os personagens fictícios e com características de pessoas da vida real, ainda que pareça absurdo na visão adulta, criar-se uma relação entre “mundos” tão diferentes.

Os contos então passam a ser adaptados para o mundo infantil, como elemento imprescindível para o momento de adormecer, sem contar que sua repetição por inúmeras vezes e em diferentes lugares, agrega novos significados e novos elementos às narrativas que perpetuam a imagem da infância, representada pela lembrança de momentos envoltos pela magia e fantasia, transmitidas sempre por pessoas que lhes marcaram uma fase especial da vida.

No Brasil, até o início do século XX, tudo o que estava relacionado à Literatura Infantil, tinha por cunho eminentemente o ambiente escolar. Por outro lado, com os avanços do sistema educacional, criaram-se textos que contemplavam o imaginário infantil da época. No entanto, muitas destas publicações eram cheias de conteúdos “propagandísticos”, fosse de cunho nacionalista, moral ou religioso. Sempre havia interesses escusos por trás das leituras dirigidas, deixando claro que sempre estaria voltado para uma ou outra função social. Sobre essa função mecanizada dos contos, Aguiar reforça em suas palavras que:

Esses contos sofreram uma mudança de função: eles passaram a transmitir valores burgueses, conformando o jovem a um certo papel na sociedade. Apesar dessa mudança radical, foi mantido, nos contos, o elemento maravilhoso (presente nas fadas, nas bruxas e nos demais seres fantásticos), que endossa, de modo substantivo, a participação da criança no mundo adulto. Assim, por meio da magia, o infante foge às pressões familiares e realiza-se no sonho, ao contrário do que acontecia com o relato folclórico entre a população pobre da Idade Média, quando a fantasia estava a serviço do escapismo e da conformação (AGUIAR, 2001, p. 80).

Conforme o fragmento acima, os contos de fadas passam a exercer um papel importante para a formação subjetiva da criança, onde por meio de seus ambientes adaptados ao imaginário infantil, tudo é acessível; a possibilidade de sair do mundo real e embarcar em uma fantasia com um final feliz, oferece à criança um momento de felicidade e encantamento que lhe dará suporte emocional para diferentes circunstâncias ao longo da vida. Sem dúvidas, as impressões deixadas pelos contos de fadas, tidos como os clássicos da Literatura Infantil, têm a capacidade de despertar nas crianças, sentimentos de medo, angústia, saudosismo ou raiva, preparando-as para lidar com toda essa informação em uma próxima fase já com maior amadurecimento. Neste

sentido, a formação de um bom cidadão começa a tomar espaço diante das preocupações, inclusive de professores, como menciona Dohme a seguir:

Sem dúvida, pensando no cidadão de amanhã, uma das maiores preocupações dos professores e até mesmo dos pais é de formar um homem e uma mulher que sejam críticos, que tenham capacidade de analisar o que está à sua volta, de avaliar o que está de acordo com seus princípios e o que não está e de tomar decisões de acordo com as suas próprias convicções. (DOHME,2003, p.21)

Fica claro que a adaptação ou preparação da criança para o convívio social, era um dos fatores preponderantes contidos nos contos de fadas ou contos infantis. A relação existente entre o antes, de uma versão simplória dos contos de fadas e uma versão mais contemporânea, não permite cair no esquecimento a essência das histórias carregadas de significados e mensagens subliminares, tidas como textos de despertar.

Apesar de serem histórias recheadas de animais que falam, serem fantásticos, bruxas e outros seres, Corso (2006, p.303), diz que as narrativas são instrumentos para exemplificar situações da vida real, podendo então, fornecer ao leitor ou ao ouvinte, ferramentas necessárias para aplicá-las ao longo da vida, possibilitando as escolhas de atitudes, nas mais variadas situações. Então não se pode desconsiderar o papel da fantasia sendo coirmã da imaginação, certo? Os contos de fadas passam a exercer uma função terapêutica na vida infantil e por que não dizer, trazidos para o mundo adulto; pois a organização de sentimentos e conflitos internos fazem parte da vida humana em qualquer que seja a etapa.

Muitos estudos foram realizados em torno da utilização dos contos de fadas como instrumentos de mediação na abordagem terapêutica voltadas para auxiliar a saúde mental de crianças. Sobre essa prática, muito utilizada por Gutfreind em seus atendimentos, o referido estudioso enfatiza que:

A custo, mas com prazer; sem milagres, porém com certa arte, a psiquiatria que fizemos revelou que o trabalho com os contos, (...) auxiliou as crianças a encontrarem representações para o seu sofrimento, bastante marcado pela separação e abandono; ajudando-as a encontrarem um discurso, uma forma de expressão, uma história (...) (GUTFREIND, 2003, p.16)

Celso Gutfreind, tem inúmeros livros publicados e seus estudos se voltam para o uso terapêutico do conto na área de psiquiatria infantil. Percebe-se aqui a importância que o conto tido como infantil, pode ajudar na superação de traumas, perdas afetivas e outros problemas de aspecto emocional e mental. Assim, merece uma atenção especial a ideia de contemplação e de entretenimento antes atribuída aos contos de fadas, passando agora a exceder os campos de estudo da literatura, pedagogia e da ciência, tamanho é o seu grau de influência na vida daqueles que ouvem ou leem as páginas de histórias com enredos fascinantes. Sua profundidade ultrapassa as barreiras do consciente humano, podendo ser explorados de diversas formas e com

diferentes finalidades, como é o caso de aplicar os contos de fadas na área educacional, hospitalar ou psiquiátrica. Fazer uso dessas histórias para romper barreiras psicológicas a partir de estímulos comportamentais provocados por elas, tornam o imaginário humano, um espaço de reconstrução e reafirmação.

Muitos estudiosos têm a ideia de que os contos de fadas resistiram ao tempo justamente devido à sua finalidade de ajudar às pessoas com problemas de cunho emocional, envoltos em enredos históricos e destinados a serem segundo Gutfreind (2003, p. 17) “os agentes de saúde mental”. A transmissão oral, por ser atemporal, é o que configura mudanças de espaço, tempo e até personagens, sendo a essência trazida nas mais variadas versões de contos de fadas. Não se pode negar que a fala é essencial para a propagação das narrativas e seus significados, neste sentido fica claro nas palavras de Mendes que:

Alocado na base da discussão sobre a dualidade natureza/cultura, está justamente o inconsciente, apresentado como a função simbólica: o elemento que organiza todas as cadeias simbólicas. (...) o simbolismo é o que confere o status de humanidade ao Homo Sapiens, posicionando a explanação do elemento que é sua própria condição de possibilidade e sinônimo da passagem da natureza à cultura. (MENDES, 2014, P. 14)

Percebe-se que a necessidade de representar condições humanas, sempre foi o objetivo da humanidade ao propor os contos de fadas e expor os personagens e todo o enredo de forma metafórica, ou ainda inserindo sentimentos como o amor, a inveja, o ódio, a dualidade entre o bem e o mal, sempre constante, preocupações, anseios. Tudo o que estaria envolto em uma problemática real, em circunstâncias nas quais as tomadas de decisões fossem obrigatórias para que a vida, ao menos pudesse parecer mais razoável e menos agressiva do que na fase adulta.

3 OS CONTOS DE FADAS COMO INSTRUMENTOS DE INCENTIVO À LEITURA

Desvencilhar os caminhos que o leitor tende a percorrer a cada leitura ou releitura feita, é possibilitar surpresas e inovações de pensamentos. Contudo, existe um comodismo que tende a se desenvolver dentro do ser humano quando este acredita que já está pronto diante de certos conhecimentos, o que também é válido para para a construção da leitura e seus fundamentos além da decodificação de signos, pontuando a incapacidade e a limitação, de certa forma. Sobre esse aspecto, Cortella reforça dizendo:

Nascer sabendo é uma limitação porque obriga a apenas repetir e, nunca, a criar, inovar, refazer, modificar. Quanto mais se nasce pronto, mais se é refém do que já se sabe e, portanto, do passado; aprender sempre é o que mais impede que nos tornemos prisioneiros de situações que, por serem inéditas, não saberíamos enfrentar. (CORTELLA, 2015, p.13)

Nas palavras de Cortella (2015), encontra-se uma definição para o que a leitura proporciona para quem atua como leitor. Seus efeitos, trazem o descortinamento de ideias tidas como prontas e acabadas, permitindo assim, a descoberta de novos conhecimentos ou ainda a complementação daqueles já existentes.

O que não se pode deixar de mencionar é o fato de que os contos não eram belas lições com personagens mágicos e amigáveis desde sempre. Sua função estava ligada a costumes tidos como universais para uma época distante, e que deveriam ser repassados àqueles que iam chegando à sociedade. Sobre esse momento vivido pelas crianças antes que existisse uma literatura específica para o público infantil, Ariès, traz a seguinte reflexão com suas palavras:

Encontramos aí ao mesmo tempo elementos de conduta infantil e conselhos morais, que hoje julgaríamos inacessíveis às crianças. Isso explica pelas origens dos manuais de civildade, que eram, em suma, registros dos costumes da aprendizagem, ainda muito influenciados pelos hábitos de uma época em que não se dava a matéria transmitida às crianças, em que estas eram logo completamente mergulhadas na sociedade: tudo lhes era dado desde o início. As crianças misturavam-se imediatamente aos adultos. (ARIÈS, 1981, p.172)

Somente a partir do século XIX, a literatura infantil ganhou características do mundo infante, pois antes disso o reconhecimento de que a leitura poderia ser importante para o desenvolvimento da criança não existia. As leituras destinadas às crianças até então, eram de cunho pedagógico comportamental voltadas à integração na sociedade da época. Não se tinha o entendimento do quão profundo era o momento de ler e ouvir histórias.

Com o passar dos anos o reconhecimento da leitura proficiente se destaca como privilégio de poucos, enfatizando uma disparidade social que perdura ainda nos tempos atuais. Os leitores se destacam por possuir habilidades muito maiores do que simplesmente decodificar os signos linguísticos, existe a percepção de mundo apreendida por entre as linhas escritas. Essa concepção de leitor é corroborada por Ferreira e Dias no fragmento a seguir:

Percebe-se, então, na proposta de alfabetização imposta à escola e à sociedade desde o século XIX, que são evitadas relações mais elaboradas entre o sujeito-leitor e a escrita, fazendo-se desta um privilégio social de poucos, que se tornam leitores em contraposição aos decifradores, que são vistos como os mal-sucedidos e academicamente fracassados. (FERREIRA E DIAS, 2002, p. 40)

O processo de formação pelo qual passa um indivíduo se dá a longo prazo, e pressupõe etapas. É válido ressaltar que há uma grande diferença entre hábitos de leitura e ato de ler, pois aqueles que se relacionam mecanicamente com o texto, os ditos ledores, dificilmente se constituirão como leitores ativos se não houver um trabalho mais amplo e efetivo; para então estabelecerem relações profundas com a linguagem e seus significados. Sobre o sentido que a leitura assume como forma de expressão e pensamento, Smith contribui dizendo:

A leitura é pensamento, (...). E o pensamento que realizamos quando lemos, a fim de ler, não é diferente do pensamento que realizamos. Exatamente como não podemos falar sem pensar, ou compreender o que alguém está dizendo sem que pensemos, ou extrair o sentido do mundo sem pensarmos, também é impossível ler sem pensar. (SMITH, 2003, p.213)

A importância da leitura está intrinsecamente ligada à construção do pensamento, pois uma leitura eficiente só é possível se houver ligação com o tempo, espaço, momento em que o ato está sendo praticado; é pouco provável que se faça uma leitura sem ter como referência a condição humana ou situação específica para que isso ocorra.

A leitura então passa a ser notada como elemento essencial para a sociedade contemporânea, pois este mesmo hábito tem por finalidade fazer com que a criança aprenda a interpretar a realidade social em que está inserida, realizando assim, tanto a leitura de mundo como aquela adquirida e tida por bem social.

Segundo a abordagem sócio interacionista, o homem é um ser social, histórico, ora sendo transformado, ora transformando suas relações culturais, pois é a partir das relações interpessoais que a criança transforma e aguça suas habilidades.

Alexandre Lobão, em seu artigo publicado na revista Conhecimento Prático Literatura, edição 44 (2012 p. 60) ressalta ainda “O que nos leva de volta aos livros: ler um livro, assim como escrevê-lo, é uma atividade solitária (...). Além disso, ler um livro toma tempo - recurso que parece cada vez mais escasso para as novas gerações.” Considerando esse pensamento, a leitura não pode se tornar uma atitude descontextualizada ou poderá trazer consigo um peso descomunal ao invés de prazer. Para que haja essa ponte entre o “tempo-recurso” não se pode deixar de lado o papel da família no processo.

O educador e a família são parceiros na construção de valores e de uma sociedade humanizada, assim, quando o educando não possui o apoio familiar na escola, acaba perdendo o interesse pela leitura. Esta comunicação entre família e escola, deve transpor os muros escolares e se fortifica com o intuito de aprimoramento do estudante em questão. Esse tipo de relação tende a contribuir para a aquisição de novos significados dentro dos aspectos de formação de leitor, um deles é sobre a captação de sentido exposto pelas palavras escritas ou ouvidas. De acordo com Smith:

(...) não existe necessidade de uma explicação especial sobre como as crianças aprendem a captar o sentido da palavra impressa, uma vez que nenhum processo especial está envolvido nisso. As crianças tentarão naturalmente trazer um sentido à palavra impressa. Para elas, não há sentido em uma linguagem que não seja significativa, seja falada ou escrita. Percebem a linguagem falada procurando por seu significado, não prestando atenção aos sons das palavras. (SMITH,2003, p.193)

Não raras as vezes em que dificuldades na aprendizagem, indisciplina na participação do grupo turma são apenas alguns dos sintomas que aparecem na escola sendo reflexo de que algo não harmonioso se passa no âmbito familiar. Neste sentido, descobre-se que existe um refúgio chamado fantasia, e que se faz real por meio das leituras, servindo de desafios que ajudam a pensar e analisar a realidade em que se vive. O que bem é expressado nas palavras de Martins:

Incorpora-se, assim, ao cotidiano de muitos, o que geralmente fica limitado a uma parcela mínima da sociedade: ao âmbito dos gabinetes ou salas de aula e bibliotecas, a momentos de lazer ou de busca de informação especializada. Enfim, essa perspectiva para o ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, (...) (MARTINS, 2004, p. 29)

Ao se ampliar a “noção de leitura” existe um aprofundar na ideia de compreensão. A leitura, então, não está simplesmente atrelada à ideia de decodificação dos grafemas. A aquisição do ato de compreender o que está sendo lido, dá-se início desde a infância, nos primeiros contatos com o seio familiar, quando o compartilhamento de experiências entre pais e filhos, resulta em um crescimento afetivo. Logo, percebe-se que a capacidade de apreender novas informações está intrinsecamente ligada àquilo que faz parte de seu cotidiano, desenvolvendo ali curiosidades acerca dos mais variados assuntos. Na fase adulta, todo saber se torna apenas um simples mecanismo e deixa de ter o encantamento da descoberta, antes tido na infância. Com o passar dos anos, os detalhes vão perdendo a nitidez e é preciso reaprender a ter uma visão minuciosa, o que marcará a passagem cíclica e vital do ser humano. Contudo, é preciso que se tenha consciência acerca de dois processos que favorecem o despertar para a leitura. Tais processos para essa apropriação de leitura podem ser: o visual direto e a mediação fonológica. Sobre esses processos Salles e Matos discorrem:

Os processos mentais que permitem ao leitor identificar, compreender e pronunciar palavras escritas são explicados por meio de modelos que enfatizam a estrutura cognitiva envolvida no reconhecimento de palavras e as interconexões dessa estrutura (Pinheiro, 1994). Assim, a leitura em voz alta de um sistema de escrita alfabético pode ocorrer, pelo menos, de duas maneiras: por meio de um processo visual direto (Rota Lexical) ou através de um processo envolvendo mediação fonológica (Rota Fonológica). (SALLES E MATOS, 2002, p. 322)

As autoras acima, destacam dois processos para que ocorra a leitura. Trataremos de nos ater ao segundo processo, ainda que ambos sejam necessários; a *rota fonológica*, vem tratar da tradução ou conversão da parte escrita, em sons, fonemas por meio das regras da língua. Trata-se de uma explicação simples para um processo com muitas etapas, pois a criança não consegue ler simplesmente, um grafema, se este “símbolo” não tiver um significado em seu léxico. Tudo precisa estar vinculado ao que é acessível à criança.

Com base nestas afirmações o trabalho com contos de fadas ganha mais impacto na vida dos pequenos leitores, pois ainda que não dominem o campo da decodificação, mas a história em si, tem todo um enredo que lhe proporcionará aconchego e prazer em ouvir, para posteriormente servir de instrumento motivador na aquisição da leitura fluente.

Para Alégria & cols (1997), “A leitura não envolve apenas o reconhecimento de palavras isoladas. Seu objetivo principal é a compreensão do material lido. Para isso, a identificação de palavras é uma condição necessária, embora não seja suficiente”. Nota-se o reforço da hipótese da concretização da leitura a partir de elementos que vão além de decorar letras, sílabas ou palavras. Promover a leitura de fato, é permitir uma interação entre o leitor e o que está escrito ou representado, pois é preciso enfatizar que leitura se faz a partir do conhecimento construído no mundo e para o mundo, possibilitando interpretações disto ou daquilo.

4 AS NARRATIVAS NA VIDA DA CRIANÇA

Construir narrativas é falar ou escrever sobre o passado, ou ainda, coletar frutos do imaginário, apresentando aquilo que até então era desconhecido o tornando magicamente conhecido, o que pode ser comprovado nas palavras de Rosa:

O homem ao embelezar, decorar o seu próprio corpo deu início ao sentido estético, estabeleceu uma forma de comunicação atrativa de expressão da arte e a arte, em todas as suas formas, é necessária ao homem para conhecer, modificar e interferir o mundo. A magia inerente à arte está presente também na palavra: o poder mágico da comunicação verbal. (ROSA, 2011, p. 45)

A arte do falar é merecedora de reconhecimento, pois a energia que emana daqueles que dominam a oratória, tem a capacidade de envolver aqueles que a ouvem, despertando impactos psíquicos e emocionais.

Neste sentido, Rabelo e Monteiro (2020, p.11) dizem que a contribuição da contação de história fantástica “... também é um meio de fugir do real, criando um submundo onde os desejos são realizados, uma forma de trabalhar com o subconsciente de cada pessoa, imaginando e realizando as vontades de seu imaginário.” A aprendizagem trazida com as narrativas, ganha significado dentro do contexto familiar e social, ainda que a apropriação do conhecimento seja individual.

Na infância há todo um encantamento e novidades em tudo o que se vê, chegando ao ápice da perplexidade diante dos olhos infantis. Até pouco tempo, a criança era tida como um “adulto em miniatura”, preparando-se para a fase subsequente. No entanto, atualmente já é de conhecimento comum, que a infância é uma fase de transição e que em nada se compara com a

etapa que a sucede. As narrativas que são apresentadas à criança devem ser feitas com responsabilidade, visto que o mundo fantástico no qual habita, permite que raciocine a ponto de desconfiar, questionar e discordar daquilo que lhe é apresentado como verdade absoluta. Confirmando essa afirmação, tem-se as palavras de Rosa:

(...) ouvindo histórias a criança realiza seus desejos reprimidos através do jogo livre da fantasia. Ela extrai das histórias símbolos de verdades eternas porque precisa manter seu mundo interior de motivação infinita, e as narrativas podem conservar esse mundo infantil fascinante (...). A popularidade e a exemplaridade compõem fatores comuns às obras adultas destinadas às crianças, pois os clássicos da literatura infantil nasceram no meio popular e todas as obras apresentavam a intenção de fixar valores ou padrões a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo indivíduo ao seu comportamento. (ROSA, 2011, p.47)

O que é desconhecido aos olhos da criança, torna-se uma aventura. A escuta de uma variedade de histórias, oferece uma gama de experiências e renova a busca por novos conhecimentos, dentre eles a própria alfabetização e até mesmo subsídios para a construção da subjetividade. É neste momento que se deve atrair a criança para os rumos da literatura, para que mais tarde não venha ter por esta última uma aversão por desconhecer seus recursos.

As narrativas sob o olhar adulto, vêm propiciar uma volta à própria infância com direito a prazeres, dores, confusões e fantasias. É um momento de se redescobrir como ser capaz de construir caráter e formar muito mais que meros conceitos prontos sem revisar o que há de diferente entre o imaginário e o real.

Assim, as narrativas são tidas como nada mais do que a exposição de modelos comportamentais humanos, como bem expõe Bettelheim:

O conto de fadas (...), é em grande parte o resultado de um conteúdo comum e inconsciente ter sido moldado pela mente consciente, não de uma pessoa em particular, mas pelo consenso de várias a respeito daquilo que consideram problemas humanos universais e do que aceitam como soluções desejáveis. (BETTELHEIM, 2007, p.52)

Nota-se a partir deste pensamento, que o condicionamento humano não pode negar que a presença de seres fantásticos como heróis e heroínas, são traduzidos como protótipos comportamentais. Estas mesmas narrativas carregavam consigo, desde suas origens, um padrão de repetições que proporcionam aos seus ouvintes um prazer em compartilhá-las indefinidamente. As histórias que são apreciáveis tanto por adultos como pelos pequenos, proporcionam tão ou mais prazer ao aflorar diversos sentimentos, como reviver lembranças antigas. O desprendimento de tempo e preocupações, também são frutos de momentos tidos como “mentes livres”. Há uma grande magia que envolve quem ouve as histórias, surtindo então uma transformação de experiências. Então é nesse sentido que se vê a possibilidade de agregar o interesse do estudante do segundo ano dos anos iniciais pelas histórias fantásticas, a

possibilidade de trabalhar com palavras-chaves para adentrar em seu mundo mais intimista. Sobre essa ludicidade que permeia os contos de fadas, Bettelheim ainda informa que:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece tantos níveis distintos de significado e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão de diversidade das contribuições dadas por esses contos à vida da criança. (BETTELHEIM, 2007, p.20).

Não se pode negar que há uma concordância geral no que tange os limites de um conto de fadas e sua linguagem, que por meio de símbolos estão para representar fatos inconscientes que tomam forma ao atribuir identidades relacionadas às condutas do pai, da mãe, dos irmãos ou mesmo seu próprio comportamento diante de determinadas situações. Sobre essa busca inconsciente de identificação entre a criança e os contos de fadas, Bettelheim reforça:

Seu apelo é feito ao mesmo tempo à nossa mente consciente e inconsciente, a todos os seus três aspectos – id, ego e superego – e também à nossa necessidade de ideais do ego. Isso o torna muito eficaz; e, no conteúdo dos contos, os fenômenos psicológicos íntimos são corporificados em forma simbólica. (BETTELHEIM, 2007, p. 53)

Estudos psicanalíticos comprovam que ainda se busca indícios de comportamentos recalçados subjacentes aos mitos e contos de fadas. Ainda sob o aspecto de fuga, é possível dizer que a imprecisão de nomes de lugares e afins, assegura ao conto, um anonimato quanto aos acontecimentos, e, se estes realmente aconteceram, deixando a criança livre para imaginar todo o cenário e os aspectos que envolvem a história.

Há predominância de otimismo nos contos de fadas, que visivelmente se destaca por garantir êxito às investidas mais miraculosas que pareçam ser dos personagens da trama. O que assegura ao psicológico humano, é que estes heróis e heroínas, presentes nas narrativas fantásticas, em muito se assemelham com o homem real, em seus conflitos e na busca por uma autoafirmação. Daí vem o grande gosto e interesse por este gênero de leitura, que oferece aos ouvintes a oportunidade de se espelhar, não nos grandes feitos heroicos, por razões óbvias, mas, em alguma atitude em proporções menores, se aproximando do que é possível.

5 UM POUCO DOS CONTOS BRASILEIROS

5.1 MONTEIRO LOBATO, O PRECURSOR DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

O Brasil é um país de área continental, com uma miscigenação ímpar em seus aspectos culturais e sociais. Por essa razão apresenta em sua literatura essa mescla de conhecimentos populares, que em parte, foram compilados pelo escritor brasileiro José Bento Renato Monteiro Lobato ou simplesmente, Monteiro Lobato. Nascido em Taubaté, São Paulo, em 18 de abril de

1882, perdeu os pais ainda na adolescência indo morar com o avô, o Barão de Tremembé. Cursou Direito na faculdade do Largo de São Francisco, no estado de São Paulo.

Chegou a ser nomeado promotor de uma pequena cidade do interior, no mesmo período em que se casou com Maria Pureza Natividade, mãe de seus quatro filhos. Mesmo sendo um homem ocupado com as atribuições do cargo, Monteiro Lobato logo começa a escrever para revistas e jornais locais.

Com o falecimento de seu avô, Monteiro Lobato herda a fazenda da família e abdica de sua posição jurídica e passa a administrar a fazenda que antes fora de seu avô. Ao que parece não foi bem sucedido no ramo agropecuário. Logo se muda para a grande São Paulo e começa sua trajetória como escritor de sucesso de grandes obras, merecendo destaque para “O Picapau Amarelo (1939),” um clássico que marcou gerações.

Entre outras de suas obras publicadas estão: Caçadas de Pedrinho (1933); Reinações de Narizinho (1931); Histórias de Tia Nastácia (1937); A menina do narizinho arrebitado (1921); O Saci (1921); A chave do tamanho (1942) dentre outras obras. Em cada obra, Monteiro Lobato buscava trazer elementos que se aproximassem do mundo real e suas problemáticas, mas também lançava mão de elementos imaginários e todas as possibilidades para sanar os problemas do mundo de uma maneira leve e compatível, como foi o caso abordado em “A chave do tamanho” onde o autor traz para as crianças a grande guerra acontecendo no mundo, contudo a solução para o fim desse acontecimento poderia ser encontrar uma chave que pudesse desligar a guerra.

Monteiro Lobato começou a escrever obras voltadas para o público infantil a partir da carência, percebida pelo autor, na formação literária dos próprios filhos, onde na escola, só tinham acesso às obras traduzidas de outras culturas ou aos limitados livros didáticos. O autor foi um célebre pesquisador e divulgador de personagens da cultura popular brasileira, de modo que fizesse chegar a todos o conhecimento de personagens folclóricos não apenas trazidos de culturas europeias, mas que constituíam a própria cultura brasileira.

Além do olhar apurado para elaboração de personagens em suas histórias, o autor ainda se preocupou em estreitar os laços entre as crianças afortunadas e àquelas que pouco tinham, quando em suas obras utilizava vocábulos de fácil acesso e compreensão para todos.

Monteiro Lobato faleceu aos 66 (sessenta e seis) anos de idade, na madrugada do dia 04 de julho de 1948, após um derrame. Como legado deixou 26 (vinte e seis) obras voltadas para o público infanto-juvenil e uma história de valorização cultural nacional brasileira que marcou gerações inteiras e até os dias atuais continuam a ser revisitadas pelos mais novos leitores que

veem em personagens como a boneca “Emília” ou mesmo nas aventuras do menino “Pedrinho” uma ponte surreal, com cercas limitadoras, mas não limitantes do mundo do faz-de-conta.

6 AÇÃO PRÁTICA DOS CONTOS NA SALA DE AULA

Diversas são as possibilidades de se trabalhar com os contos de fadas dentro da sala de aula, especialmente quando o público-alvo são crianças em processo de alfabetização onde o estímulo para o desenvolvimento de tais atividades são essenciais. Sobre a importância do estímulo na aprendizagem, Barroso diz:

Torna-se cada vez mais necessário que os alunos sejam estimulados a utilizar outros meios de aprendizagem ao seu alcance. Parece-nos que as aprendizagens feitas pelos alunos terão mais sucesso se estes forem estimulados a procurar informação pertinente e adequada. Nos nossos dias, a informação surge, através de outras vias para além dos livros. (BARROSO,2010, p. 20)

Sob este aspecto, proporcionar ao aluno a busca pelo sentido de aprender e apreender é considerado um avanço tanto para quem aprende quanto para quem ensina. No caso dos contos de fadas não é diferente, pois a busca pela formação integral é o grande interesse da educação moderna, onde deve ocorrer de forma contínua, e quando se pretende alcançar o interesse ou o ponto chave do despertar, no aluno, as oportunidades de interação e construção não podem ser estáticas, muito pelo contrário, o dinamismo deve sempre estar presente. Sobre o lúdico na sala de aula ligado aos contos de fadas, Dohme enfatiza que:

Este processo de ouvir histórias, provoca absorção de conhecimentos oriundos do próprio texto, do enredo. Já o exercício da imaginação provoca o sentimento de várias emoções. No primeiro caso os conhecimentos absorvidos são comuns a todos os ouvintes, no segundo caso estas emoções são particulares e características para cada um. (DOHME, 2003, p. 2)

Ainda sobre emoção, Almeida (2000, p. 52) diz que “O sentimento, a emoção e a paixão surgem em seu tempo, conforme as condições maturacionais de atividades, as reações posturais, o raciocínio.” Por essa razão, as atividades acerca dos contos de fadas, a serem realizadas dentro da sala de aula devem objetivar assegurar a ponte entre a afetividade, desenvolvida pelo contato mais intimista com os enredos das histórias, e o desenvolvimento cognitivo infantil, aptidão que deve ser assegurada de maneira individual, desde que o ambiente seja propício para isso.

De acordo com as proposições acerca de como se trabalhar os contos de fadas dentro da sala de aula, deixam-se algumas sugestões de atividades como propostas para que seja aplicada na escola junto às crianças:

Proposta 01: O varal dos contos de fadas

Período: A sugestão de duração do varal: mensal; contudo, o período pode ser reduzido para semanal, podendo aumentar ainda a variedade de contos a serem dispostos.

Desenvolvimento da atividade: A professora fará uma prévia seleção de variados contos de fadas ou narrativas infantis, por mês, devendo dispensar atenção especial à quantidade suficiente para que nenhum aluno fique sem história. Esses contos ficarão dispostos em um varal dentro da sala de aula para que o aluno possa ter acesso e facilidade no manuseio. Cada aluno irá tomar um conto para si. Diariamente, a professora selecionará um conto para ser lido ou narrado pelo aluno (caso este aluno ainda não domine o processo de leitura a professora fará a leitura). Ao longo do mês, os alunos ficarão de posse do conto desejado, deverão levar para casa, contar ou ler para alguém. Após realizar a leitura em casa, o aluno devolverá o conto ao varal, podendo escolher ou trocar por outro conto de algum colega e prosseguir com a atividade. Esta atividade pode culminar na apresentação/ representação de um dos contos pelos pais e alunos como forma de incentivo à leitura e aproximação entre família e escola.

Objetivo: -Estimular no aluno o desejo de partilha de conhecimento por meio da contação de histórias;

- Desenvolver o hábito de leitura através dos estímulos de troca.

Proposta 02: Roda de contação

Desenvolvimento da atividade: Podendo ser em círculo ou mesmo em uma posição confortável aos alunos, a professora inicia a história trazendo consigo uma “caixa misteriosa”. Dentro da caixa conterão imagens relacionadas a algumas partes da narrativa a ser exposta (selecionadas previamente pela professora). Conforme a professora vai avançando na história, vai retirando da caixa elementos surpresa que podem ser: uma palavra ou uma imagem que dá prosseguimento ao enredo da história. De forma descontraída a história é exposta. A atividade propõe a criatividade do aluno por ter que improvisar com elementos antes fora de contexto, pois mesmo sendo a professora a contadora oficial, naquele momento, o aluno intervém para que o desfecho da história seja significativo e lhe sirva de suporte para atividades futuras.

Objetivo: - proporcionar ao aluno fazer parte da história a partir dos elementos que surgem da caixa;

A importância de cada atividade está em ouvir a contribuição do aluno como contador de história, já que por ser um momento de livre expressividade da criança, as propostas trabalham a oralidade, entonação de voz, criatividade, além de promover a satisfação de poder contribuir com a atividade, trazendo sentido à proposta.

As propostas são direcionadas para turmas do segundo ano do ensino fundamental, anos iniciais, tanto para alunos que já possuem fluência na leitura como para alunos ainda estão em processo de alfabetização.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho adotou como metodologias as pesquisas: de campo, bibliográfica, além de utilizar questionários estruturados para os alunos em uma turma de segundo ano do ensino fundamental, com 26 (vinte e seis) crianças, sendo que para essa amostragem se trabalhou com apenas 11(once) alunos; e um questionário, também estruturado, destinado aos pais dos 11 (once) alunos que participaram da pesquisa.

Figura 1- Escola campo de pesquisa: E.M.E.F. Josefa Nery da Costa



Fonte: Arquivo de imagens das pesquisadoras do TCC

Durante quatro semanas, entre os dias 23 de novembro e 15 de dezembro do ano de 2021, por meio de intervenção, foram realizadas atividades de contação de histórias (presencialmente), para as crianças do segundo ano do ensino fundamental da Escola Municipal Josefa Nery da Costa, no município de Pedra Branca do Amapari, estado do Amapá. Essa pesquisa foi desenvolvida com o intuito de observar os contos de fadas sendo instrumentos de

incentivo à leitura, agregado às relações afetivas e sentimentais das crianças. Sobre a prática de pesquisa, Minayo traz a seguinte reflexão:

Entende-se pesquisa como um processo no qual o pesquisador tem “uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”, pois realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta “uma carga histórica” e reflete posições frente à realidade (MINAYO, 1994, p.23)

Esta pesquisa foi realizada a partir de estudos bibliográficos, além da realização de pesquisa de campo com aplicação de questionários com perguntas fechadas para alunos e pais de alunos. Para este trabalho foram selecionados 11 (onze) alunos e 11 (pais), dos respectivos alunos para responderem a questionários distintos aplicados para cada grupo como instrumento de coleta de dados. Sobre essa prática como método de pesquisa, Fonseca expõe:

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade (...) A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente. (FONSECA, 2002, p. 20)

Destaca-se que as aulas na escola estavam ocorrendo obedecendo ao sistema híbrido de ensino, contudo, às terças e quartas-feiras eram de forma presencial na escola e foram os dias em que a pesquisa ocorreu junto aos alunos.

Adotando a abordagem quantitativa, utilizando questionários estruturados de forma objetiva, a fim de constatar a frequência com que as crianças tinham acesso às histórias infantis, ou os contos de fadas e, se esse contato ou não, poderia interferir no aluno como leitor ativo. Para os pais, os questionários foram enviados via ferramenta de mensagens WhatsApp e para aqueles que puderam ir até a escola, foi feito de forma presencial.

Foram selecionados 04 (quatro) contos clássicos da literatura infantil para serem trabalhados ao longo desta pesquisa e conseqüentemente, a cada semana. Tais contos foram: A história dos três porquinhos; João e Maria; A Chapeuzinho Vermelho e O patinho Feio.

O dia destinado para as narrativas ou histórias infantis, propriamente ditas, foi às terças-feiras. Para este momento se respeitava o distanciamento social, tido como medida de segurança sanitária contra o Coronavírus. Por esse motivo o desenvolvimento da atividade sofreu algumas alterações no que diz respeito à sua prática. Foram utilizados vídeos e em alguns momentos apenas áudios das histórias, para que as crianças pudessem experimentar o momento dos contos de fadas.

Após as narrativas, os alunos eram instigados a falar da história: o que gostaram, o que não gostaram, como se sentiram em determinadas partes do conto e como reagiriam se estivessem no lugar do personagem principal da história? Posteriormente à narrativa do dia, os alunos foram instruídos a contar a história em casa para alguém: pai, mãe ou irmão, com intuito de observar se os pais estariam dispostos a ouvir as narrativas, além de estimular a oratória dos alunos, preparando-os para o momento de familiarização com os signos linguísticos.

No dia seguinte, no caso às quartas-feiras, era reservado um momento para ouvir as crianças e suas experiências como contadoras de histórias; questionava-se em qual momento do dia a história foi contada e qual teria sido a reação dos ouvintes. Para esse momento era realizado um sorteio de pelo menos 03 (três) crianças para que fizessem o relato de suas contações de histórias em casa. O tempo determinado para que se realizasse essa atividade, pelas pesquisadoras, era de uma hora e meia por dia.

Após a contação de histórias, a professora titular da turma, dava sequência nas atividades correspondentes a cada componente curricular enfatizando a leitura onde as pesquisadoras observaram sob quais aspectos os alunos eram beneficiados, a partir da exploração dos contos de fadas, no desenvolvimento de habilidades para a aquisição da leitura principalmente.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

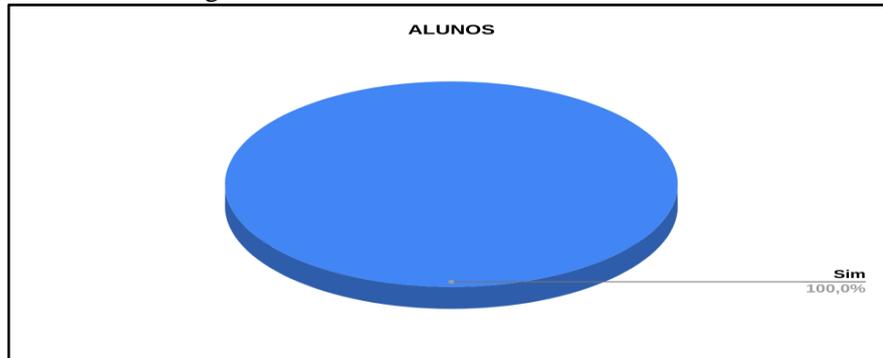
A pesquisa se realizou com 11 (onze) alunos, de sete anos de idade, do segundo ano do ensino fundamental- Anos Iniciais, na Escola Municipal Josefa Nery da Costa, no município de Pedra Branca do Amapari, estado do Amapá, e seus respectivos pais e/ou responsáveis. Tal pesquisa teve como objetivo observar os contos de fadas sendo instrumentos de incentivo à leitura a partir do vínculo afetivo, emocional e sentimental construído pelos alunos a partir das narrativas infantis ouvidas na escola, pela professora, ou em casa, ouvidas pelos pais.

Com base na pesquisa com abordagem de cunho quantitativo, realizada em forma de questionários objetivos, junto aos pais e filhos estudantes, bem como observação desses alunos dentro da sala de aula de forma presencial, para apurar suas ações e atitudes para uma posterior análise reflexiva sobre as narrativas e suas contribuições para a alfabetização, muitas vezes de forma contraditória para as crianças, principalmente diante de situações que se apresentam como desafios para o consciente. Ressalta-se que para os alunos o questionário se deu em uma roda de conversa, onde as respostas foram registradas pelas pesquisadoras para a tabulação das informações.

Como resultados da pesquisa, seguindo a ordem dos questionários realizados com perguntas distintas para os pais e para os filhos, obteve-se os seguintes percentuais representados em gráficos.

Apresenta-se a seguir os questionamentos feitos aos alunos. No Gráfico 1 está representado o gosto em ouvir histórias.

Gráfico 1- Você gosta de ouvir histórias?

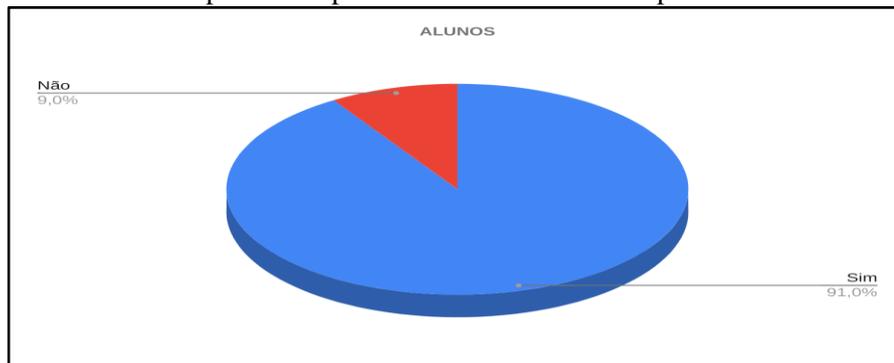


Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

Comprovadamente se tem o percentual de 100% (cem por cento) para a resposta dada como sim ao gosto por ouvir histórias. Para esta pergunta o intuito era verificar o quanto as crianças desejavam estar em meio às histórias infantis, ainda que este contato não lhes fosse frequente. Nota-se que não se estabeleceu um vínculo familiar ou mais intimista de alguém que ouve histórias de alguém em particular, mas sim de alguém que demonstra gostar de histórias independente de quem as conte ou onde as conte.

Seguindo aos questionamentos obtivemos o seguinte percentual para a pergunta representada no Gráfico 2- Seus pais ou responsáveis contam histórias para vocês?

Gráfico 2 - Seus pais ou responsáveis contam histórias para você?

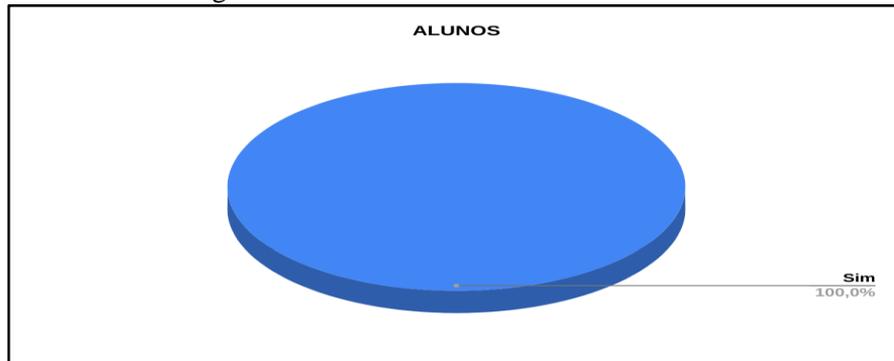


Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

De acordo com os alunos, 9 (nove por cento) de seus pais não lhes contam histórias infantis e 91% (noventa e um por cento) disseram que sim, que ouvem essas histórias.

Outro questionamento para os alunos foi registrado no Gráfico 3 onde os alunos são perguntados se gostam de histórias antes de dormir.

Gráfico 3 - Você gosta de ouvir histórias antes de dormir?

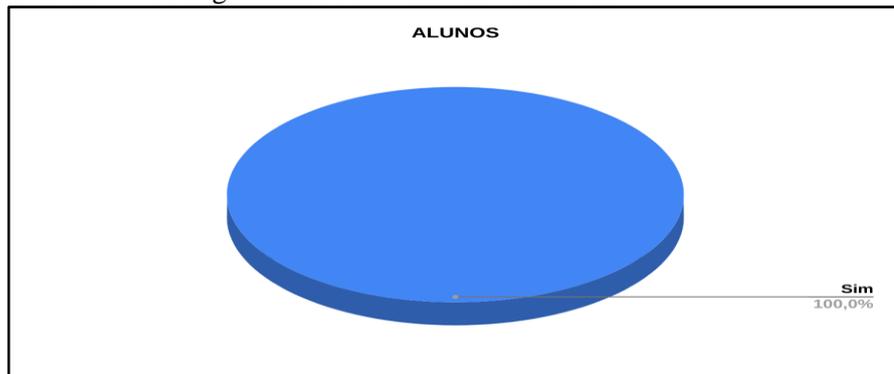


Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

Com 100% (cem por cento) de respostas dadas como sim ao desejo infantil, implícito, de ser acalentado na hora de dormir demonstrando que mesmo com sete anos de idade, já no ensino fundamental, as crianças ainda esperam ouvir histórias dos pais.

No gráfico 4 está representado o desejo das crianças em ouvir histórias na escola.

Gráfico 4 - Você gosta de ouvir histórias na escola?

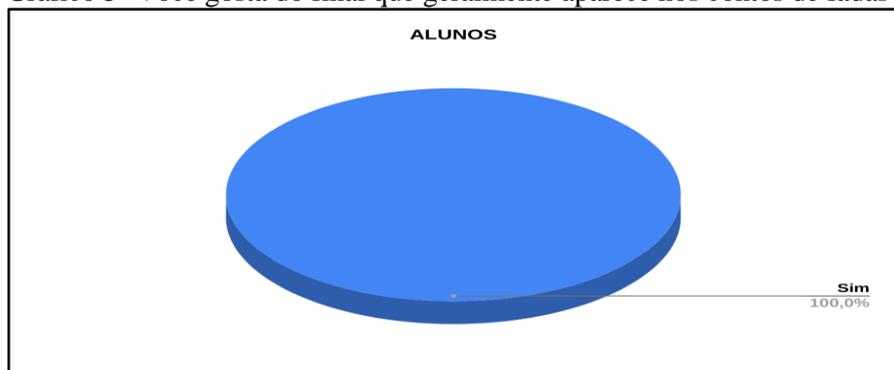


Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

O espaço escolar obteve uma demonstração de 100% (cem por cento) do desejo das crianças por escutar histórias dentro da sala de aula ou em outro ambiente dentro da escola.

Sobre o final dos contos de fadas, quando questionados se estavam de acordo com as expectativas dos alunos, o Gráfico 5 traz os seguintes dados:

Gráfico 5- Você gosta do final que geralmente aparece nos contos de fadas?

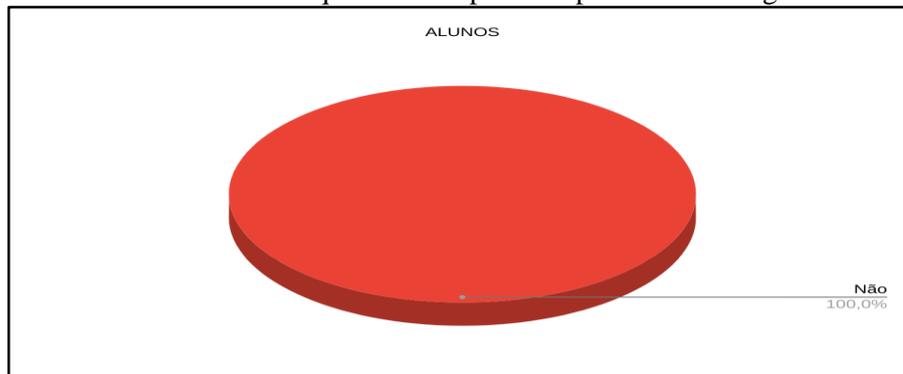


Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

A opinião de que os contos de fadas têm o final que deveriam ter se sobressai com 100% (cem por cento) de concordância na opinião dos alunos, trazendo uma reflexão sobre o imaginário que se estabelece na infância.

No Gráfico 6 a criança foi instigada a manifestar seu olhar mais apurado entre o real e o imaginário, onde se questionou se haveria a possibilidade de viver como em um conto de fadas. Tal questionamento fez com que a criança pudesse refletir e demonstrar de forma consciente o que pensa sobre mesclar os dois mundos dos quais lhe servem de morada, obtendo-se os seguintes dados:

Gráfico 6 - Você acredita que sua vida pode ser parecida com algum conto de fadas?

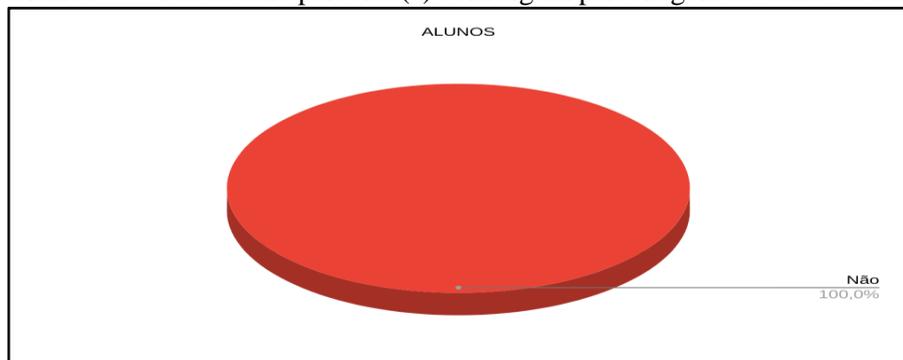


Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

“Não” foi a resposta de 100% (cem por cento) dos alunos que não concebem a ideia de ter sua vida comparada a um conto de fadas. Estabelecendo um distanciamento entre o que pertence ao mundo real e ao que pertence ao imaginário.

Outro ponto que merece destaque é a respeito de qualquer vínculo com o imaginário, onde os pesquisados quando perguntados se encontravam, de alguma maneira, semelhanças entre algum personagem das narrativas infantis e suas próprias personalidades, expressaram suas opiniões da seguinte forma, conforme mostra o Gráfico 7.

Gráfico 7- Você se acha parecido(a) com algum personagem de conto de fadas?



Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

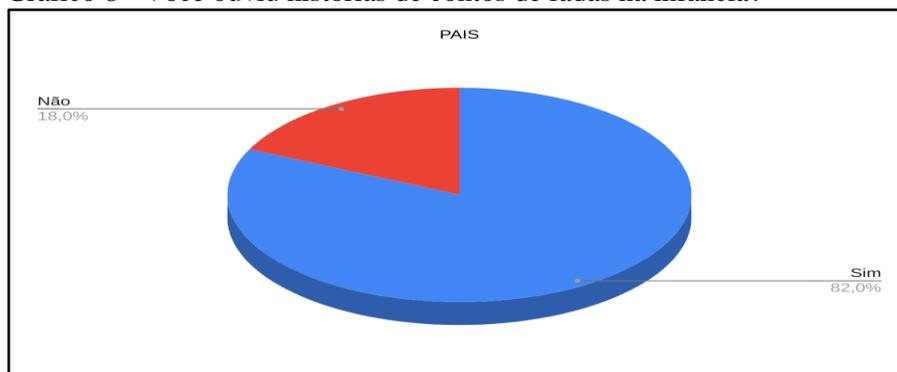
Obteve-se como resultado o quantitativo de 100% (cem por cento) de respostas voltadas para a negativa de que não se identificam ou não se acham parecidos com nenhuma personagem das histórias infantis. Isso não significa que os alunos ignoram aspectos de similaridades entre eles e os personagens, apenas reforça a ideia de que conseguem fazer a distinção entre o real e o imaginário de forma consciente.

Encerrado o ciclo de perguntas para os alunos, partiu-se para o questionário junto aos pais com algumas questões similares, mas com intuito diferenciado, onde já na fase adulta a concepção de conto de fadas ganha uma nova roupagem, haja vista que os pais já viveram as experiências da infância e certamente guardam resquícios de como os contos de fadas os auxiliaram no processo de aprendizagem.

Com intuito de apreciar o vínculo existente entre pais e filhos em momentos de contação de histórias e para verificar em que proporção esse vínculo favorece a apropriação de insumos de leitura, pensou-se no questionário destinado aos pais dos alunos da turma do 2º ano do ensino fundamental- Anos Iniciais.

De acordo com o Gráfico 8, os pais foram questionados a respeito se na infância, tiveram o contato com os contos de fadas de alguma maneira (lendo ou ouvindo). O que resultou nos dados mostrados a seguir:

Gráfico 8 - Você ouviu histórias de contos de fadas na infância?

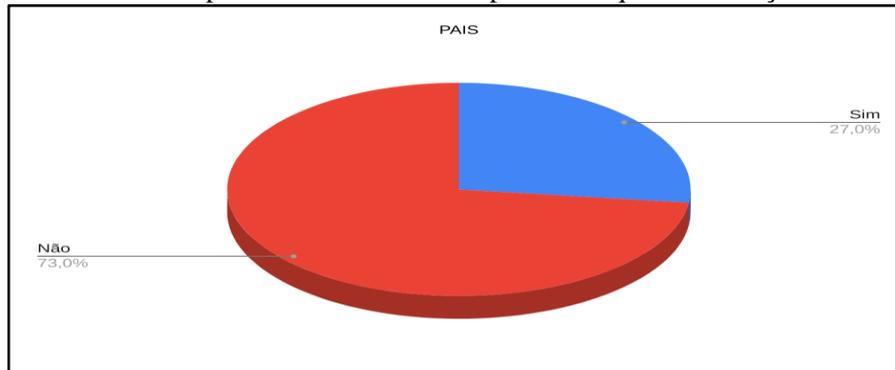


Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

Sobre ouvir histórias na infância o percentual de pais foi de 82% (oitenta e dois por cento) afirmaram ter participado de momentos onde se ouvia histórias, contudo ainda se obteve 18% (dezoito por cento), que afirmaram não ter qualquer contato com os contos de fadas infantis, o que causou estranheza quando se esperava o óbvio.

Ainda sobre a infância, os pais foram questionados se seus genitores lhes contavam histórias quando pequenos, trazendo como resultado o Gráfico 9.

Gráfico 9 - Seus pais contavam histórias para você quando criança?

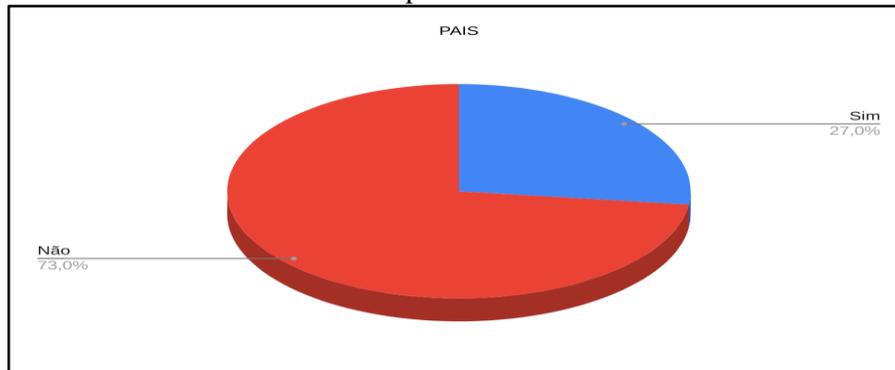


Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

Com 73% (setenta e três por cento) de respostas negativas, os pais dos alunos afirmaram que não ouviam histórias infantis de seus genitores. Contudo isso não quer dizer que não possam ter ouvido de outras fontes como vizinhos, tios, avós etc. Apenas 27% (vinte e sete por cento) dos pesquisados admitiram ter tido contato com essas histórias por meio dos seus genitores.

Quando os pais então foram indagados sobre a contação de histórias para os filhos, atualmente, obteve-se os seguintes dados representados no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Você conta histórias para seus filhos?



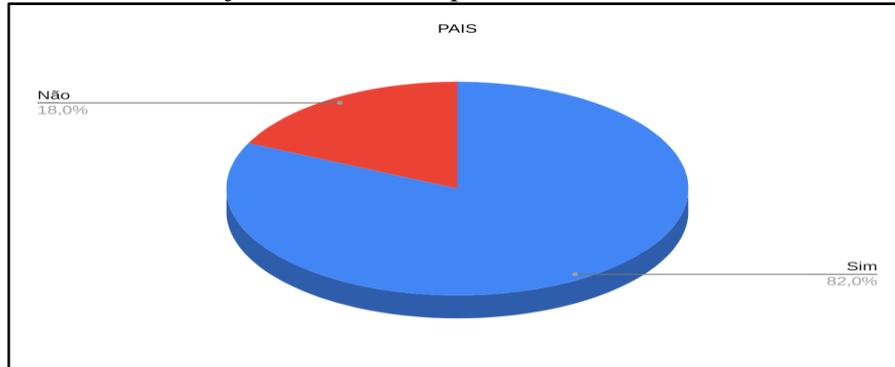
Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

Os pais reconhecem que não contam histórias ou contos de fadas para os filhos, representados pelos 73% (setenta e três por cento) de respostas dadas como negativas, caracterizando um momento diferenciado na infância, já que diversos fatores contribuem para essa ausência, dentre elas, destaca-se o emprego dos pais em empresas privadas e com turnos alternados; ora estando em período diurno, ora estando em período noturno. Somente 27% (vinte e sete por cento) dos pais pesquisados, confirmaram a contação de histórias de uma maneira mais frequente.

Se atualmente um grande percentual dos pais admitiu não contar histórias, então subentende-se que houve uma época em que a contação se fez presente. Neste sentido,

questionou-se aos pais se em alguma outra época já haviam contado histórias para os filhos. No Gráfico 11, tem-se o registro dos dados coletados:

Gráfico 11 - Você já contou histórias para seu filho, antes de dormir?

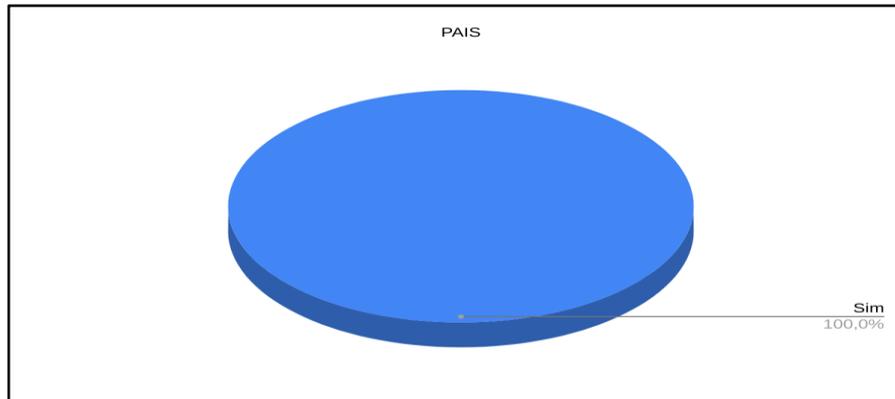


Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

Quando perguntados se já contaram histórias para o filho antes de dormir, 82% (oitenta e dois por cento), disseram que sim, em outra época quando os filhos eram menores. Mas 18% (dezoito por cento) ainda representa a ausência de contato com os contos infantis no momento que antecede o sono.

Seguindo as perguntas, decidiu-se averiguar as concepções de finalização dos contos de fadas sob o olhar adulto, dos pais; onde foram questionados se estavam de acordo com os finais geralmente presentes nas histórias. No Gráfico 12, tem-se esses dados:

Gráfico 12 - Você concorda com os finais dos contos de fadas?



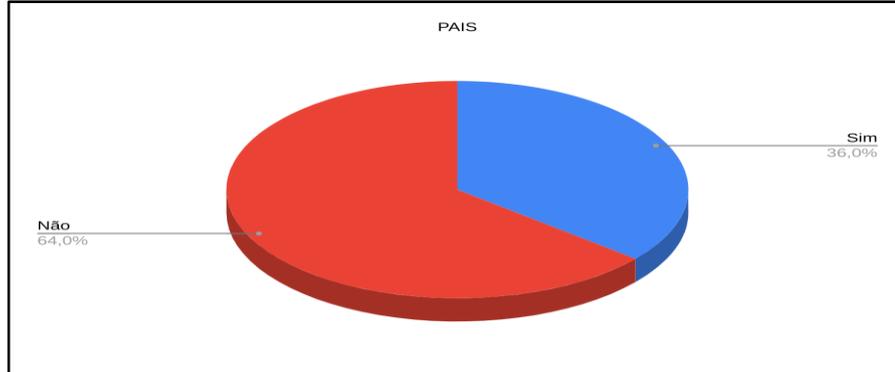
Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

Com 100% (cem por cento) de respostas concordaram que sim, os finais dos contos de fadas eram satisfatórios ao deleite dos pais, atendendo às propostas do enredo das histórias por eles conhecidas.

Para verificar se mesmo na fase adulta, os pais ainda guardavam resquícios das histórias por eles ouvidas, um dia, como forma de preservar suas memórias de infância. Perguntou-se

aos pais se em algum momento, ao longo de suas vidas, se já tiveram experiências que se comparassem aos contos de fadas de alguma forma. No Gráfico 13, constam os dados coletados:

Gráfico 13 - Em algum momento, você já viveu como em um conto de fadas?



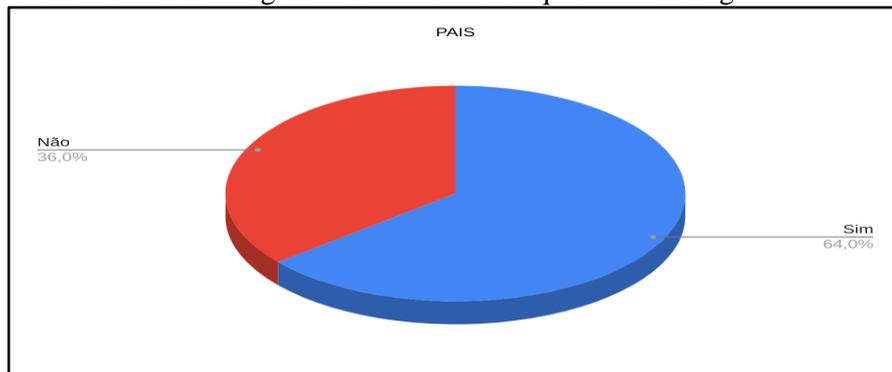
Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

Com 36% (trinta e seis por cento) dos pesquisados atribuíram momentos de similaridades em suas vidas, com os contos de fadas, e 64% (sessenta e quatro por cento), afirmaram não ter esse tipo de percepção ou comparação com os contos de fadas.

Certamente o fato de não atribuir qualquer semelhança da vida real aos acontecimentos de um conto de fadas significam não o desligamento do que foi construído ao ouvir as narrativas, na infância, mas a ressignificação das leituras sob um olhar mais apurado e maduro.

Para finalizar o questionário destinado aos pais, optou-se pela questão de verificação por suas preferências sobre algum conto de fadas. No Gráfico 14, a constatação do questionamento com os dados coletados.

Gráfico 14 - Existe algum conto de fadas do qual você mais gosta?



Fonte: Pesquisadoras do TCC (2021)

Quando perguntados sobre a preferência de algum conto de fadas, 64% (sessenta e quatro por cento) responderam que tem preferência por um ou mais contos de fadas dos quais mais gostam, e 36% (trinta e seis por cento) afirmaram não ter preferência por um conto específico.

Percebe-se que por mais que o tempo passe, ainda persiste o momento de se contar histórias e ouvir histórias. Os dados revelam que alguns pais já não encontram tanto tempo para a contação de histórias, contudo o que prevalece é a dedicação oferecida aos filhos por meio dos contos de fadas que lhe serviram de suporte para buscarem na escola um incentivo ou materialização de uma aprendizagem mais eficiente, no caso a leitura sendo facilitada pela compreensão de histórias fantásticas.

Com base ainda na análise dos dados, é possível identificar que tanto na concepção adulta como na concepção infantil, os contos de fadas são histórias com contextos próprios e momentos próprios, onde a maneira consciente (real) não será influenciada, ficando as comparações e experiências fantásticas para o imaginário.

CONCLUSÃO

Quando se propôs fazer um estudo sobre os contos de fadas, não se pretendia apenas tê-los como ferramentas de entretenimento, pois essa concepção arcaica de passatempo precisa ser superada de maneira urgente. Conhecer as nuances de uma história e seu potencial no âmbito educacional pode surpreender a muitos que estiverem dispostos a viver essa experiência.

A batalha travada entre o mundo real e imaginário habita o íntimo de cada pessoa que de forma escassa ou de forma abundante já pode conviver com os fantásticos contos de fadas. Parece estranho imaginar que alguém possa ter habilidades desenvolvidas a partir dos contos de fadas, ou mesmo pelas narrativas fantásticas.

Com este trabalho foi possível constatar que a leitura precisa ser instrumentalizada de diferentes maneiras e um desses instrumentos pode ser através dos contos de fadas. A leitura não acontece de forma mecânica se bem direcionada. A leitura se faz com muito mais do que a mera decodificação de signos linguísticos, se faz com o sentimento, com a emoção, com os instintos trazidos da vivência humana. Ler não é um ato simplesmente, é o processo vinculado a etapas que exigem preparação para uma jornada que não tem dia e nem hora exata para acontecer, por isso é necessário preparar o futuro leitor com as mais variadas ferramentas.

Neste sentido, fazer uso dos contos de fadas como instrumentos de incentivo à leitura de crianças não é simplesmente reproduzir cenários e aplicar em um momento oportuno, tornando uma rotina diária e fadada ao fracasso. Tornar os contos de fadas como verdadeiros instrumentos de incentivo à leitura é possibilitar ao aluno a leitura dos sentimentos e emoções que estão além do que está escrito. A compreensão pode acontecer de maneira a anteceder a decodificação linguística e por esse motivo inúmeras habilidades se desenvolvem de forma

concomitante, dentre elas se tem a criatividade, a ampliação lexical, a sociabilidade, interação, imaginação etc. Aspectos importantes para a aquisição de uma leitura eficiente.

Portanto, a utilização dos contos de fadas torna-se um importante instrumento de incentivo à leitura, podendo não estar centralizado apenas no âmbito escolar, mas além deste espaço, dentro das famílias quando proporcionam momentos de convívio e afetividade, onde ainda que não haja contato com os livros físicos, certamente há uma história, da época do conto da carochinha, para ser contada e desta maneira, despontar a imaginação como um campo fértil de uma aprendizagem mais concreta, pronta para ser habitada pelos seres fantásticos do conhecimento do mundo da leitura.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de (coord.). **Era uma vez...na escola: formando educadores para formar leitores.** Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001

ALÈGRIA, J., Leybaert, J. & Mousty, P. (1997). **Aquisição da leitura e distúrbios associados:** Avaliação, tratamento e teoria. Em J. Grégoire & B. Piérart (Orgs.), Avaliação dos problemas de leitura: Os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas (pp. 105-124). Porto Alegre: Artes Médicas.

ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos.** 10. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

ANDERSEN, Christian. **O Patinho feio.** Adaptação Walt Disney - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=UleHGh7yOX8>>). Acesso: 14 dez. 2021

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro. Zahar editores. 1981

AZEVEDO, Ricardo. **Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares.** Disponível em : < <http://www.ricardoazevedo.com.br/artigo07.htm> > acessado em 20 de outubro de 2021.

BARROSO, M. F.; BORGIO, I. **Jornada no Sistema Solar.** Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 32, n. 2, p. 2.502-2.512, 2010.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Tradução de Arlete Caetano. 21ª ed. revisada. Paz e Terra. São Paulo. 2007.

COELHO, S. M. G. **Alfabetização em questão.** 2ª Ed. Paz e Terra. São Paulo. 2009.

CORSO, D. L. & CORSO, M. A. I. **Fadas no divã: psicanálises nas histórias infantis.** Porto Alegre. Artmed, 2006.

CORTELLA, M. S. **Não nascemos prontos: provocações filosóficas.** 19ª Ed. Vozes. Petrópolis. 2015.

DOHME, V. **Atividades Lúdicas na Educação: O caminho dos tijolos amarelos.** 3.ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

FERREIRA, S. P. A. & DIAS, M. G. B. B. (2002). **Compreensão de leitura: estratégias de Tomar Notas e da Imagem Mental.** Psicologia, teoria e pesquisa, 18(1), 51-62.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GRIMM, Irmãos. **João e Maria - Contos de Fadas - Texto original de 1857.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-enBBsRU4-M> >. Acesso: 30 nov. 2021

_____. **Chapeuzinho Vermelho** - Contos de Fadas. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=ZaYB0UHK1nE>> Acesso: 07 dez. 2021

GUTFREIND, Celso. **Terapeuta e o Lobo**. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=GVWuDA28R_gC&oi=fnd&pg=PA7&dq=gutfreind+2003&ots=7dY47Aqaec&sig=jUxRD2nOBW2F3xQHqC1uVHgxE50#v=onepage&q=gutfreind%202003&f=false>
Acesso em 08 de dez. de 2021

JACOBS, Joseph. **Os Três Porquinhos** - Contos de Fadas - Narração suave para relaxar. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=nttCnSFG5fo> >; Acesso: 23 de nov. 2021

KLEIN, Karine. **A importância dos contos de fadas na elaboração do luto infantil**.

Disponível em:

<<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/5188/Karine%20Klein.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 06 de dez. 2021

LOBÃO, Alexandre. **Conflito de gerações (de leitores)**. In Revista Conhecimento Prático Literatura. ed.44ª. Escala Educacional. São Paulo. 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Coleção primeiros passos.19ª ed. Brasiliense. 2004.

MENDES, E.G; VILARONGA, C. A. R; ZERBATO, A. P. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar**: unindo esforços entre educação comum e especial. São Carlos: UFSCar, 2014

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

RABELO, Mauro. MONTEIRO, Aldenice. **Histórias de um missionário italiano nas ilhas da Amazônia**. 2020.

RADINO, G. (2003). **Contos de Fadas e Realidade Psíquica**: A Importância Da Fantasia no Desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo.

ROSA, Maria Cecília. **Contadores de histórias**. In Revista Conhecimento Prático Literatura. Ed.34ª.Escala Educacional. São Paulo. 2011.

SALLES, J. F. & MATOS, M. A. P. **Processos cognitivos na leitura de palavras em crianças**: Relações com compreensão e tempo de leitura. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/prc/a/3FcxqfWxLMVq3c83Gs3q8mJ/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso 09 de dez. 2021;

SMITH, Frank. **Compreendendo a literatura**: Uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler; trad. Daise Batista_ Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. Ed. 4ª. São Paulo. 2003.

ANEXOS

Anexo 1- Carta de Apresentação de pesquisadora para a Escola Josefa Nery da Costa

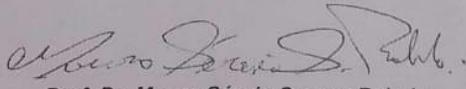

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ – IFAP
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
 Polo de Pedra Branca do Amapari

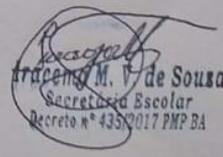
Declaro para os devidos fins que a senhora (o)
ROSANA MAGALHÃES DA SILVA, portadora do RG n.
103940, CPF 727.945.852-15, é **ALUNA (o)** regularmente matriculada
 no **Curso de Licenciatura em Pedagogia**, pelo **Instituto Federal de Educação,**
Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP, a qual está no período de realização de
 pesquisa de campo, referente a seu **Trabalho de Conclusão de Curso – TCC**, sob o
 título:
Contos de fadas: um instrumento de
incentivo à leitura com alunos do 2º ano
do E. Fundamental, tendo como orientador o
 Prof. Dr. Mauro Sérgio Soares Rabelo.

Nessa condição, venho respeitosamente requerer à vossa senhoria, o acesso
 as dependências dessa instituição, para referida aluna (o), realizar sua pesquisa,
 relativas ao seu **TCC – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**.

Pedra Branca do Amapari-AP, 23 de novembro de 2021.

Sendo o que tínhamos para o momento, agradecemos antecipadamente.


Prof. Dr. Mauro Sérgio Soares Rabelo
 Orientador – IFAP


Secretária Escolar
 Decreto nº 435/2017 PMP/BA

Anexo 2- Questionário para os alunos


**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
AMAPÁ – IFAP**
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ESCOLA CAMPO DE PESQUISA: E.M.E.F. JOSEFA NERY DA COSTA
QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1-Você gosta de ouvir histórias?
() SIM () NÃO

2-Seus pais ou responsáveis contam histórias para você?
() SIM () NÃO

3-Você gosta de ouvir histórias antes de dormir?
() SIM () NÃO

4-Você gosta de ouvir histórias na escola?
() SIM () NÃO

5-Você gosta do final que aparece nos contos de fadas?
() SIM () NÃO

6-Você acredita que sua vida pode ser parecida com algum conto de fadas?
() SIM () NÃO

7-Você se acha parecido(a) com algum personagem de conto de fadas?
() SIM () NÃO

Nome do aluno(a): Celine Leandra

Idade: 07

Turma: 2º ano do Ensino Fundamental

Anexo 3- Questionário para os pais dos alunos


**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
 AMAPÁ – IFAP**
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
 ESCOLA CAMPO DE PESQUISA: E.M.E.F. JOSEFA NERY DA COSTA
 QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS/ RESPONSÁVEIS DOS ALUNOS

1-Você já ouviu histórias de conto de fadas na infância?

SIM () NÃO

2- Seus pais contavam histórias para você quando criança?

SIM () NÃO

3-Você conta histórias com frequência para seu/sua filho(a)?

() SIM NÃO

4-Você já contou histórias para seu/ sua filho(a) antes de dormir?

SIM () NÃO

5-Você concorda com os finais dos contos de fadas?

SIM () NÃO

6-Em algum momento, você já viveu como em um conto de fadas?

SIM () NÃO

7-Existe algum conto de fadas do qual você mais gosta?

SIM () NÃO

Nome: Mariana Leandro da Silva

Grau de parentesco com a criança: () PAI MÃE () OUTROS